

# A doutrina de Guerra Francesa e a campanha de 1940

*Heitor A. Herrera, Capitão.*

Em sua obra clássica — “Les transformations de la guerre” — COLIN documenta fartamente as suas conclusões a respeito da causa fundamental das transformações da fisionomia dos combates, das batalhas e do próprio conjunto das operações: o aperfeiçoamento das armas, a evolução dos meios materiais postos em jôgo no combate — sempre decidiram, através dos séculos, a sorte dos partidos em luta. E se outras causas concorreram para o maior ou menor sucesso dos cabos de guerra — aquelas sempre dominaram.

Vale a pena registrar, a propósito, a tese defendida pelo Cel. L. ROUSSUET (“Os mestres da guerra”), segundo a qual a constituição política e social das nações deva ser a causa principal de sua superioridade militar. Se na época em que que foi escrita a obra de COLIN — 1911 — já seu ponto de vista encontrava forte apôio nos fatos, cremos que a atual campanha mundial veio dar-lhe foros de axioma ou, pelo menos, reduzir a de seu opositor às proporções de um erro de apreciação. Os sucessos iniciais da Alemanha nazista, a vigorosa reação das Repúblicas Soviéticas, a capacidade de resistência da democracia inglesa, a extraordinária mobilização bélica da democracia norte-americana — todo êsse panorama confuso do atual conflito permite concluir que, em que pese à superioridade de uma forma de governo sobre outra, tem sido a preponderância industrial, gerando a preponderância do armamento, a responsável comum pelos sucessos dêste ou daquele partido.

Entretanto, se tal superioridade sempre desempenhou papel tão decisivo — como explicar que uma nação como a francesa, espicaçada pela vizinhança incômoda da rival sedenta de desforra, levasse sua imperdoável cegueira ao ponto de permitir que a superioridade material inimiga pudesse culminar nas vitórias espetaculares da “blitzkrieg”? Como compreender que os sucessores de NAPOLEÃO adormecessem à sombra da Maginot, numa concepção de guerra que deveria levar, fatalmente, à hecatombe que nos estarreceu a todos?

A resposta é ainda COLIN quem a dá: “E’ o patriotismo — à primeira vista parecendo exercer uma influência insignificante sobre o sucesso — que, em última análise, domina tudo. E’ êle que constitui e anima os exércitos, instrui os quadros, faz surgir os chefes. Quando êle começa a extinguir-se em uma Nação, esta não tem mais do que a aparência da força militar, mantendo, apenas, uma fachada mais ou menos brilhante, que ruirá ao primeiro choque”. Palavras proféticas que — teria COLIN sentido os sintomas da desagregação? — trinta anos mais tarde iriam explicar a fraqueza da produção, as semanas de 40 horas, o armamento antiquado e reduzido, o apêgo a processos obsoletos — numa palavra, a dolorosa hecatombe da França.

### O ASPECTO INTELECTUAL

Deixando de lado o papel decisivo que a superioridade material exerceu nos sucessos iniciais dos alemães — analisemos, mais de perto, o aspecto intelectual do problema. Em outros termos, procuremos as causas desta afirmativa do Cmt. F. O. MIKSCHE em seu discutido livro “A Guerra Relâmpago”:

“Por outro lado, se os franceses possuissem a superioridade material, as suas ideias antiquadas impedi-los-iam de alcançar qualquer êxito. Toda a gente pode ver que êles não alcançariam Berlim tão depressa como os alemães alcançaram Paris”.

Se examinarmos, mesmo com os dados insuficientes que possuímos, as principais campanhas da presente guerra, verificamos, de pronto, a aplicação integral dos princípios que, desde NAPOLEÃO, constituíram o arcabouço da doutrina francesa. Apenas, como a guerra é "a barbárie multiplicada pela ciência", novos meios e novos processos surgiram, desde a colaboração inestimável da propaganda, solapando o moral adversário — até o brusco progresso que os paraquedistas, os blindados e o avião introduziram nos princípios da surpresa e da oportunidade da ação.

Tal raciocínio permite concluir que a doutrina de guerra francesa, calcada em verdades tão verificadas, deveria orientar seus processos de ação segundo o ritmo acelerado que os novos meios impõem à conduta das operações.

Entretanto, a leitura atenta dos regulamentos e tratadistas franceses deixa perceber uma certa tibieza na aplicação dos princípios, uma prudência não raro exagerada nas prescrições regulamentares e até mesmo um certo conformismo ante a confessada inferioridade material, que transparece a cada passo, mesmo entre os mestres mais acatados.

A razão desta espécie de complexo de inferioridade talvez se encontre na própria objetividade que lhes orientava os estudos militares: "Nous ne préparons pas la guerre d'une façon abstraite; nous préparons spécialement une guerre, la guerre sur le théâtre du nord-est avec l'armée française contre le plus probable de nos adversaires éventuels: l'almée allemande." (Général ALTMAYER — "Études de Tactique Générale", pág. 32).

A rivalidade secular, a ameaça constante sobre a fronteira oriental, o perigo de toda hora, embuçado na outra margem do Reno — tudo isso, ao mesmo passo em que erigiu, penosamente, a linha Maginot, transmitiu aos textos dos regulamentos o reflexo do poderio latente do inimigo certo: "Par suite, il est probable que nos adversaires au début d'une campagne auraient sur notre armée la priorité des opérations" (Gen.

ALTMAYER, op. cit., pag. 33). Daí, aquela dose de prudência, aquela preocupação de segurança, da corrida para o obstáculo, que extravasam nos capítulos referentes à ofensiva.

Examinando, por exemplo, as missões de uma vanguarda, previstas no último regulamento francês para a infantaria, lá encontramos:

- reconhecer detalhadamente o terreno;
- interceptar qualquer comunicação entre a zona de progressão e o inimigo;
- constituir, no momento aceso, uma frente defensiva, ao abrigo da qual o chefe disporá livremente do grosso de suas forças;
- identificar as zonas gaseadas ou infectadas;
- desembaraçar e reparar sumariamente as estradas.

Falta aí — a observação ouvimo-la do então Maj. TAMOIO — a missão precípua de uma vanguarda animada de intenção verdadeiramente ofensiva: repelir o inimigo.

O mesmo espírito se encontra no “Curso de Tática Geral”, professado na “École Supérieure de Guerre” pelo Cmt. CURNIER; na análise do fator *terreno*, da decisão de um Cmt. de D. I. em marcha de aproximação, recomenda o autor que, logo após o estudo das facilidades de circulação, se devem verificar as possibilidades de proteção contra engenhos blindados, concluindo pela “recherche systématique des coupures...”; sá apôs, é recomendado o estudo das possibilidades eventuais (sic) do combate.

Em uma conferência do Gen. NOEL, dissertando sobre a “tomada de contacto”, assim se expressa o ilustre chefe: — “Contra adversário em posição, a cavalaria e as vanguardas vêm tomar contacto sucessivamente no mesmo ponto. Contra adversário em movimento, ao contrário, a cavalaria é recalhada e reflui sobre as vanguardas”. Transparece, nítida, na afirmativa, a premissa de ser a segurança afastada do inimigo *necessariamente* mais forte.

Ainda na obra já citada do Gen. ALTMAYER, encontramos, explicitamente, esta conclusão: "Plus que jamais", (a frase foi escrita em 1937) "la mission des échelons de combat, pour les détachements de sûreté et notamment pour les avant-gardes, comporte la couverture, souvent de préférence à l'attaque..." (pag. 406).

As citações poderiam alongar-se, mas cremos que é lícito concluir, ante textos tão claros, de autoridades tão reconhecidas, que as ideias dominantes encerram um fundo nitidamente defensivo. Em outras palavras: que a superioridade material do inimigo provável gerou a preocupação de aparar os golpes, ao invés de desferí-los; criou a mentalidade da procura sistemática dos obstáculos, para manter-lhes a posse, tirar partido deles, como tentou, inútil e desesperadamente, aquêle infeliz IX Exército do Gen. CORAP, em maio de 1940, na linha do Mosa, enquanto as "panzer" rolavam através das Ardenas, num fragor de avalanches. *Os reflexos da guerra de 14-18.*

Independente da influência que a reconhecida superioridade material do inimigo deve ter exercido sobre a mentalidade dos chefes, é muito provável que, como querem alguns, a forma geral da guerra de 14-18 tenha deixado, no espírito dos combatentes, reflexos falsos.

Em verdade, salvo movimentos de acanhada envergadura, a guerra se resumiu, para os franceses, em 4 anos de estabilização.

Além de ter sido apanhado de surpresa, como em 1940, pela manobra envolvente do adversário, estava o exército francês em uma fase aguda de evolução.

Na 3.<sup>a</sup> Sec. do Estado Maior do Exército, o Cel. GRAND-MAISON abriu luta contra o que prescrevia o regulamento de 1895, sobre a conduta do combate; uma febre de ofensiva "à outrance" agitava os quadros superiores. Nesta altura, a guerra estalara e o espírito do novo regulamento — ainda pouco difundido — apenas pôde esboçar-se na malograda ofensiva de leste. Vieram, então, as penosas manobras em retirada, até o

“on ne passe pas”; depois, a simultânea corrida para o mar, na tentativa inútil do desbordamento; finalmente, o retorno ofensivo, mas já então dentro de um ambiente acanhado, consequente da longa fase de estabilização. A manobra apenas era possível no domínio da estratégia; taticamente, o problema se resumia em duros ataques frontais, partindo de posições que, havia quase 4 anos, se defrontavam.

Toda aquela engrenagem complicada — aproximação, tomada de contacto, engajamento e ataque — que faz do combate ofensivo a forma mais difícil das operações táticas, ficou resumida na custosa reunião de meios, atrás da frente constituída, e no ataque de ruptura frontal. O trabalho inicial da cavalaria, ousadamente lançada em exploração; o papel das vanguardas, na penosa marcha contra um inimigo que mal se sabe quem é e onde está; a ação do Chefe, desdobrando seus meios para ser o mais rápido e o mais forte; toda essa movimentada série de operações, onde a superioridade intelectual se afirma e as virtudes guerreiras mais duramente se aprimoram — mal teve oportunidade de esboçar-se, no cenário monótono da luta parada; subindo mais de escalão, o aspecto dinâmico é igualmente sem expressão, pois que as manobras de ala estavam irremediavelmente condenadas a priori, pela ausência de flancos.

A sistemática repetição das ações de ataque, partindo de uma linha estabilizada, deveria fatalmente crear reflexos que não se podem ajustar às outras formas de combate ofensivo. E' como se — ressalvada a vulgaridade da comparação — um saltador se exercitasse, exclusivamente, no salto sem impulsão. Faltará ao atleta, como faltou às ações, o elemento *velocidade* que, aliado à *massa*, daria origem à *quantidade de movimento*. Daí, o perigo em generalizar conclusões que, verdadeiras para um determinado caso, podem conduzir a resultados funestos, dèsde que aplicadas fora do ambiente particular que as propiciou.

Um exemplo que nos parece frisante, a respeito, está numa relação que a experiência da guerra de trincheiras sobejamen-

te ratificou: "um ataque tem sua profundidade limitada a uma distância praticamente igual à metade da frente atacada"; surgiram, daí, as célebres bôlsas em semi-círculo, tão comuns na guerra passada.

Que esta relação fosse verdadeira para os meios da época — é fora de dúvida. Também tempo houve em que a *aproximação* começava à vista do inimigo, dada a falta de meios com que hostilizá-lo de mais longe; posteriormente, a artilharia afastou o limite inicial da fase para 5 Km., logo aumentado, numa progressão ininterrupta, até que a aviação, destruindo violentamente a noção clássica da *segurança*, encurralasse as marchas de etapa dentro dos períodos de tensão política.

Com a célebre relação entre a largura da frente e a profundidade do ataque, parece que a evolução foi semelhante — o que viria, ainda uma vez, confirmar a inanidade das fórmulas em ciência tão complexa. A realidade é que, antes do advento da moto-mecanização, o apoio aos ataques era feito, exclusivamente, de uma base fixa, onde os órgãos de fogo se desdobravam; mas a progressão do escalão atacante conduzia, fatalmente, a uma fase crítica, quando as alças da artilharia atingiam seus limites e a mudança de posição se impunha, com o consequente hiato na proteção; novo sistema era necessário então montar, para que o ataque fosse retomado.

Amarrado, assim, a uma base parada, expondo flancos que se tornavam, com a progressão, cada vez mais extensos — o ataque partia com um limite fixado a priori. Mas os tempos mudaram e a velocidade voltou a imperar, como na época da epopéia napoleônica. Era necessário, pois que o fogo continuasse, com a mesma intensidade, a apoiar e proteger o escalão de ataque. E o canhão e a metralhadora passaram a rolar, então, dentro dos próprios engenhos blindados, confirmado, agora integralmente, o velho aforismo: "o ataque é o fogo que avança."

Entretanto, os reflexos ainda reagiam. Ao anoitecer de 13 de maio de 1940, a cabeça de ponte dos nazistas, no Mosa,

tem 10 Km. de profundidade e alcança Mézières. Adivinha-se a derrocada, iminente, irremediável. Mas na tarde de 14, o Conselho Supremo de Guerra Aliado, reunido em Paris ouve, de seus peritos, a informação tranquilizadora: a bolsa alemã não poderia aprofundar-se muito, pois que, com a linha Maginot de um lado e, de outro, a praça de Namur, mantida firmemente, estava o ataque estrangulado em largura, reduzido a uma frente de 50 milhas...

O resultado passou à história com o nome de Dunkerque — tranquilo pôrto a 300 quilômetros da linha Maginot — antes que o mês de maio findasse.

#### CONCLUSÃO

Antigos e constantes admiradores da França eterna, do fulgor de seus genios e do clarão de epopéia de seu passado; familiarizados com a elegância e clareza de seu espírito, que iluminou o mundo durante séculos; estudiosos de suas obras, que nos orientaram e esclareceram; discípulos de sua doutrina de guerra, que nos veio através da palavra de seus militares mais ilustres — todos nós assistimos, estarrecidos, à queda do ídolo. Na confusão da hecatombe, ofuscados pelo esplendor, pela potência, pelo “savoir faire” do adversário, uma onda de descrença nos invadiu: todo um sistema laboriosamente arquitetado ruia num fragor de arcabouço solapado.

Passada, porém, a estupefação das primeiras notícias e estudados, com vagar, os elementos que nortearam o emprêgo da formidável máquina nazista — foi-se acentuando a convicção de que tudo se resumiria na aplicação metódica, com meios poderosos, dos velhos princípios que o genio napoleônico edificara, há mais de um século, nos campos de batalha de toda a Europa.

Hoje, como outrora, quando os veteranos do Exército da Itália ganhavam batalhas com as pernas — a velocidade permanece soberana, mantendo-se inalterável o princípio da sur-

presa. "Il faut préférer la foudre au canon toutes les fois qu'on le peut", aconselhava o Mestre.

Igualmente imutável, o princípio da concentração dos meios e dos esforços reafirmava-se em todos os pontos: "La première de toutes les règles est d'être le plus fort", pois que "la victoire est surtout une affaire de force".

E através de todos os outros, do princípio da segurança ao da economia de fôrças, chegamos à constatação do mais flagrante de todos: "Só a ofensiva conduz à vitória".

Infelizmente, da teoria à prática há mais de um passo. E a arte e a ciência da guerra são instrumentos da política, sua própria continuação por outros meios, como afirmava CLAUSEWITZ. Deste modo, as origens da preparação bélica de um povo são, em última análise, consequência do espírito que o anima, em que pese à sabedoria de sua doutrina militar.

"Há causas gerais — escrevia MONTESQUIEU no século XVIII — que agem sobre cada monarquia, a elevam, mantêm ou precipitam. Todos os acidentes são submetidos a causas, e se a eventualidade de uma batalha, isto é, uma causa particular, arruina um Estado — é que havia uma causa geral que fez com que este Estado devesse perecer em uma única batalha".

E é depois de citá-lo, que COLIN conclui, melancolicamente: "MONTESQUIEU não revela o nome desta causa geral, mas nós a conhecemos: é o declínio do sentimento nacional."

REPRESENTAÇÃO  
DE  
A DEFESA NACIONAL

Ampliando a sua rôde de sucursais em vários Estados do país **A DEFESA NACIONAL** desenvolve, também, a sua circulação e habilita-se a tornar mais eficiente a propaganda em suas páginas.

Tendo, outrossim, entregue a exclusividade de sua publicidade em todo o Brasil ao

**BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA**

a revista por excelência do Exército acha-se habilitada a receber anuncios e toda a demais matéria respectiva através dos representantes desta prestigiosa organização abaixo discriminados:

**São Paulo** — Mario Herédia, Rua Barão de Parapiacaba, 61 — 4.<sup>o</sup> andar.

**Curitiba** — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573.

**Porto Alegre** — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44.

**Recife** — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

**Pará** — Edgard Proença, Edificio Bern (1.<sup>o</sup> andar), Avenida 15 de Agosto).

Anuncie nas páginas de

**A DEFESA NACIONAL**  
que fará publicidade eficiente

50.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

# Soldados Brasileiros na Europa

871

*O Tenente-Coronel LIMA FIGUEIREDO, antigo colaborador de "O Estado de S. Paulo", publicou naquele grande orgão da imprensa bandeirante o seguinte artigo :*

A paz esplendida que ha de surgir após essa guerra nefanda e selvagem, como um arrebol rutilante, depois de período longo de trevas, será a aleluia dos povos oprimidos, das nações pisoteadas pela bota do invasor que só utilizou as belezas da civilização do século para fazer sofrer a humanidade.

O Brasil que já vinha contribuindo de mil fórmas, ora fornecendo matérias primas indispensáveis à industria bélica, ora permitindo que no seu território os aliados encontrassem bases seguras para bem desenvolverem seus planos estratégicos, resolveu enviar a fina flor do seu exército, a nossa mocidade, para lutar com desassombro e denodo contra o inimigo comum, provando que seu ideal humano não fica conserito às nossas lindes fronteiriças.

Os soldados que enviamos para a Italia honrarão, certamente, as tradições da nossa Pátria. Têm como comandante o General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes, homem concentrado, pouco comunicativo, inteligente, de vontade firme e devotado, exclusivamente, às lides da caserna, aos problemas da profissão, desde os postos mais baixos. Foi excelente tenente, magnífico capitão, seguro comandante, e tudo indica, pelo seu passado, que será um chefe, um condutor de homens, à altura da elevada e espinhosa missão que lhe foi confiada.

Seus oficiais, instruídos à luz da doutrina que herdamos da Missão Militar Francesa, foram, quase todos, aperfeiçoados

no proveitoso estágio que realizaram nos Estados Unidos da América.

As praças, representando uma parcela do povo brasileiro, têm todos os característicos dêsse mesmo povo: alegre e folgazão fora do perigo, mas bravo, enérgico e impetuoso, quando sente a honra da pátria ofendida. Serão capazes de pelejar por longo tempo, desprezando qualquer conforto e desafiando mesmo a própria fome, se as circunstâncias da luta assim o exigirem. As páginas já escritas da nossa história são a prova de que o nosso soldado jamais faltou ao Brasil, fossem quais fossem as vicissitudes por que tivessem de passar, nos momentos históricos de provação da nossa nacionalidade.

Os dotes morais do nosso povo foram, através de sólida instrução cívica, impregnados na nossa tropa que sabe, perfeitamente, a sua incumbência de vingar os nossos patrícios miseravelmente naufragados em águas brasileiras e de contribuir, com galhardia e valor, para a mais rápida vitória dos que se batem pela causa da liberdade. E' dupla a missão, uma é exclusivamente nossa, mas se acha contida na outra mais grandiosa que diz respeito à felicidade geral dos habitantes do planeta. Obtida a vitória, a preço do nosso sangue, teremos cumprido o nosso dever para com as vítimas dos submarinos nazi-fascistas.

O preparo físico e profissional da soldadesca foi apuradíssimo. Fisicamente foi preparada segundo os novos métodos americanos, nos quais o combatente moderno aprende a marchar, saltar, transpor aramados, nuvens de fumaça, campos minados etc., acostumando-se aos ruidos e estampidos dos campos de batalha. Quanto à parte do emprego do armamento, foi adestrada, cuidadosamente, com material moderníssimo. Assim sendo, a nossa tropa está preparada moral, física e profissionalmente, como qualquer outra dos exércitos das grandes potências aliadas.

Podemos confiar nos nossos soldados, êles estão em condições de honrar o Brasil, fazendo os nossos inimigos pagar

caro a humilhação a que submeteram a nossa Bandeira. Tudo nos diz que farta será a obtenção de louros, porquanto os chefes são hábeis, a oficialidade culta, as praças fortes e ousadas e o material de primeiríssima ordem.

Em breve teremos a confirmação de tudo que foi dito, com a entrada dos brasileiros no "front" italiano.

E' esta a segunda vez que saem tropas regulares do Brasil para combaterem fora do continente. A primeira foi levada a efeito a 12 de maio de 1648. Os holandeses, como haviam feito no Brasil, estabeleceram-se em Angola e de lá não queriam sair. D. João VI ordena uma expedição contra os bátavos, a ser organizada no Rio de Janeiro, sob o comando do impávido Salvador Correia de Sá que, com onze naus, navega para a África e a 12 de agosto põe o invasor em cheque. Loanda é ocupada e toda a colônia fica livre dos invasores.

Já naquele tempo foi sentida a necessidade de lançar-se mão de tropas da beira ocidental do Atlântico para ir em socorro do seu litoral oriental, se bem que a viagem de transposição do Atlântico durasse três meses. Agora, que o espaço marítimo entre Natal e Dacar, com mil e seiscentas milhas náuticas, fez o oceano metamorfosear-se em estreito, mercê da velocidade das possantes aeronaves que o cruzam em sete horas, mais do que nunca houve a premência de garantir-se as duas costas do Atlântico Sul e, enquanto Dacar não se tornou aliada, grandes foram as apreensões do povo do continente de Colombo.

Os soldados do Brasil agora, como os de outróra, cruzaram o mar imenso, guiados por Deus e, como venceram no século XVII, rapidamente, saberão, ombro a ombro, com seus irmãos na causa santa, derrotar os novos hunos que fizeram parar o progresso da civilização, tisnando a face do homem dêste século.

# S. Francisco - Arauto do Grande Rei

(4 de Out.)



PATRONO DA ENGENHARIA

**Gen. Silveira de Melo**

*Situação da Itália e da cristandade.* — S. Francisco veio ao mundo, em Assis, quando descambava o século XII. A Itália dêsses tempos vivia dilacerada pelos dinastas alemães, de sangue bárbaro, os quais, sem ter conta da cultura que hauriam nas suas universidades, depredavam e saqueavam por vezes as suas cidades, ciosas da própria autonomia e dos brios de seus maiores. Levas de estudantes livres e de clérigos transalpinos, andejos e desenfreados, a pretexto de estudarem a arte e a ciência, traziam consigo para a Itália a boemia e o ridículo. Era o alienígena que transpunha os Alpes e se mesclava à escória de jograis e de religiosos, desregrados, que faziam o descrédito da fé na própria terra credenciada pelo sangue de Pedro como séde da cristandade. O partidarismo girava menos em torno de idéias que de magistratas ou facções, e atingia este contrassenso: os próprios católicos, submissos quanto à fé, dissentiam politicamente do Papa. Dava testemunho disso à intransigência em que se degladiavam os “guelfos” e “gibelinos”, não sendo de estranhar que, em seu tempo, o próprio Dante — homem de fé — se houvesse alistado entre os segundos, adversários políticos da Santa Sé. Essa agitação nos espíritos e essa desordem nas idéias abriam campo ao desenfreio das paixões, e traziam no bojo a prepotência de reis como Felipe Augusto e João Sem Terra, a incontida beligerância entre senhores feudais e as comunas, mesmo das províncias do Papa, a heresia albigense ao sul da França primogênita da Igreja, o domínio e opressão de príncipes alemães em muitas regiões da Itália, e, em toda parte, estragos gerados pela miséria e pela guerra. “A ferocidade e a depravação, a anarquia e a pobreza encontravam-se com todas as classes” (De Maistre). Ademais, as armas maometanas haviam dominado a Terra Santa, fechavam à Europa o intercâmbio do Oriente e da África e o alfanche vitorioso, que já se insinuara na Ibéria e na Sicília, pendia ameaçadoramente sobre a

Europa Cristã. Esse cortejo de males pairava nos espíritos, pressagiando o advento do anticristo.

O alvorecer do século XIII encontrou no sólio pontifício um grande Papa — Inocêncio III. Conturbado pelo descalabro social e político dessa idade turbulenta e pela desordem subjacente que lavrava mesmo em terras da Sé Apostólica, esse esclarecido Pontífice, fazendo apelo a uma nova descida do Espírito Santo em favor da cristandade, compôs o hino fulgurante que a Igreja entoava na festa e no oitavário de Pentecostes:

Veni, Sancte Spiritus — vem, ó Santo Espírito.

Veni, lumen córdium — vem, luz dos corações.

Sana quod est sancium — cura o que está ferido.

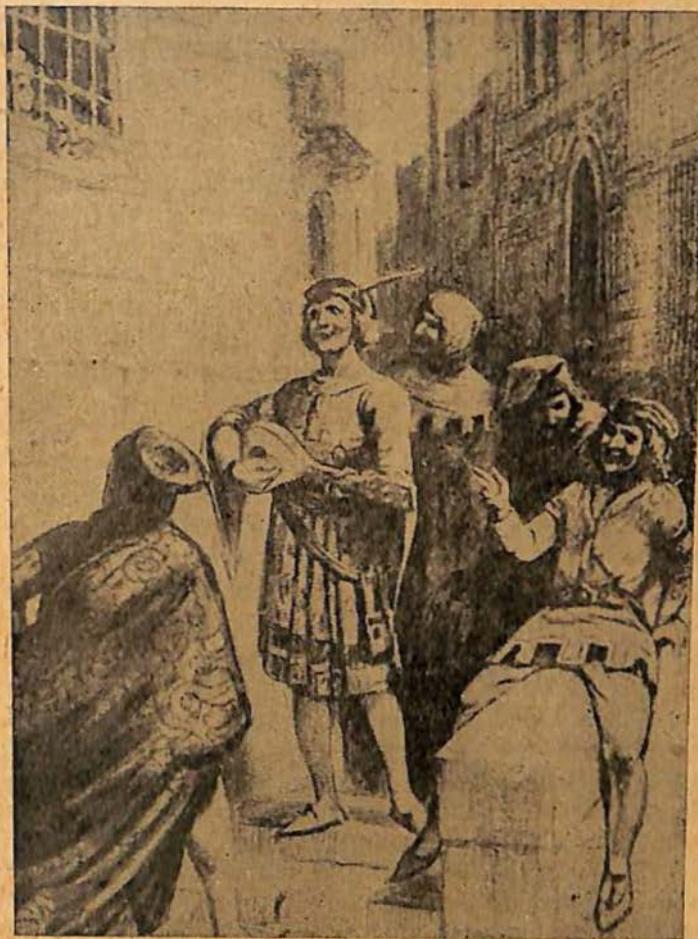
Rege quod est devium — regula o que está desviado.

E sua prece foi ouvida. Sentiu-se renovar a face da terra. Os sinais maravilhosos do século XIII começaram a luzir. Celebrava-se por esse tempo o IV concílio lateranense. Durante a realização do notável certame, o grande Papa viu em sonho este quadro paradoxal: a gigantesca Basílica do Latrão parecia desmoronar e um pobre religioso, esquálido, a soerguia com os braços. Esse homenzinho era o Irmão Francisco, que se tornaria o patriarca da recristinização do mundo. A seguir, viriam santos e reis, poetas, guerreiros, políticos, para engrossar a série de acontecimentos que tanto lustro deram a esse século de ouro.

*Nascimento do Santo.* — Nasceu Francisco em 1182 em Assis, filho de um rico mercador italiano, arguto e ambicioso, e de uma nobre francesa amável e piedosa. O jovem conservou os traços daquele, para guindar o espírito às coisas elevadas, e os desta, para os requintes da delicadeza e da generosidade. Como Deus o destinava para viva imagem de seu Filho, fê-lo representar ao nascer a cena do presépio. Sua mãe, acossada pelas dores do parto, não conseguindo dar-lhe à luz entre as comodidades da casa, transferiu-se, a conselho de um forasteiro, para a estrebaria do solar, e, em ali chegando, nasceu-lhe facilmente o ditoso filho, à semelhança do natal de Jesus.

*Educação e mocidade.* — Francisco era de índole cavaleiresca, enamorado da natureza e do belo, elegante e gentil, generoso até ao sacrifício, voluntarioso e jovial, dado aos divertimentos, porém jamais incoveniente e grotesco.

A idade-média foi o clima das ordens militares, da nobre cavalaria, dos incentivos à glória, do pendor pela carreira das armas. Até os mercadores se faziam aventurosos, porque haviam de arrostar mares e terras de sarracenos, para arrancar ao Oriente as pérolas e especiarias que constituiam o regalo dos europeus. Francisco cresceu num ambiente de idealismo e de fé, de desordens e de lutas, de exaltação



**Fig. 1 — O jovem Francisco, com seu bando, em alegres serenatas**

do espírito e de anseios de renovação. Não é de admirar pois que, ainda jovem, parecesse indeciso, tal como a pomba liberta alçando o vôo, nesse meio de afirmações e de contrastes. Trazia, porém, em germe, o destino que havia de tomar na vida e a influência que exerceeria no mundo. Em serenatas bizarras e ceias divertidas reunia em Assis o bando alegre de rapazes de seu tempo, a que sua fidalguia, sua voz de tenor, sua jovialidade, seu gênio poético, sua elegância e distinção imprimiam o ascendente natural de chefe.

*A Encruzilhada das vocações.* — O amor da glória, os lances heróicos, as narrações de aventuras, as reivindicações de justiça, a leal-

dade cavaleiresca, a defesa da fé, o brilho da carreira das armas — que agitam a mocidade de todos os tempos, inflamaram no espírito de Francisco a centelha da vocação militar.

Como Deus prefere seus cooperadores? Ele não faz questão de condições. O que Deus quer é que o sirvam com amor. Em todos os estados e situações Ele suscita dedicações. Eis porque Deus quer amigos também como soldados. Quando quis reformar a sociedade, Deus falou à linguagem da guerra: — Francisco defende a minha Igreja. E o jovem mercador se fez soldado. Bem assim, quando mais tarde foi preciso reerguer os espíritos e defender a Igreja contra a Reforma, Deus não foi escolher um prelado ou um monge, mas um soldado — S. Inácio. No fundo, o que Deus quer não é propriamente homens de espadas, mas almas de soldados, homens de firmeza. Foi assim que Jesus procedeu com Saulo no caminho de Damasco. Não era o soldado, mas o homem intrépido e combativo que Ele queria, porque dissera antes: — “Eu não vim trazer descanso à terra, mas a espada”, isto é, a luta pelo bem. É porque Deus escolhe seus cooperadores com o feitio de soldados. Ele mesmo se chama o “Deus dos Exércitos”, isto é, dos soldados.

Por ser generoso e sincero, em qualquer rumo que enveredasse Francisco encontraria uma boa vocação: o comércio, a ciência, as artes, a vida religiosa. Tudo quanto se faz bem, bem é, mas só é perfeito o que se faz por amor (S. Ag). O comércio seria inclinação hereditária, a milícia — um incentivo de glórias, a vida religiosa... talvez não entrasse ainda em suas congetturas. O que é certo, porém, é que seu espírito, desprendido das coisas, librava-se na esferas elevadas em busca de um ideal. Um dia, muito ocupado na loja, à hora de grande fôrma, repeliu um mendigo importuno. A recusa de uma esmola é indigna de um gentilhomem e de um cristão. Refletiu a seguir e foi ao encalço do pobre recheando-lhe de moedas uma e outra mão. De outra feita, apressou o passo, enojado á vista de um leproso á beira do caminho. Ata continuo, retrocedeu, abraçou e acariciou o infeliz. Estas ações heróicas, aparentemente banais, mas de infinita ternura, carecem de sólida virtude ou de espontâneo sentimento de bom samaritano. A natureza é avessa ou tarda a esses átos de extrema delicadeza. Quando o subconsciente está embotado para as ações de desprendimento, há que excitar o consciente com um raciocínio pronto, que muita vez falha. Ao contrário, porém, as ações heróicas, os lances de glória, efêmeros embora, arrestam os espíritos pelo seu próprio brilho. Assim as expedições militares e o luzir da farda.

*Entusiasmo que não esmorece.* — Foi o que aconteceu com Francisco. Aos 17 anos, rebelou-se com os de sua cidade contra os dominadores germânicos. O povo de Assis arremeteu contra os quarteis da guarnição alemã e os desmantelou. Urgia, porém, cobrir-se contra

as reações do adversário, que não demoraria no revide. As autoridades civis deram-se pressa em cercar a cidade de muralhas e fortins. Todos os habitantes foram convocados para esse trabalho precipitado. Francisco deixou tudo, apredeu a lascar a pedra, a lidar com a argamassa, a manejar a trolha e a ferramenta de sapa. Trabalhava e cantava. Mostrava-se tão ardoroso no rude trabalho das fortificações como em tudo que fazia, e até mesmo nos folguedos, porque punha alma em todos os empreendimentos. Os dissidentes de Assis porém, uniram-se ao partido oposto, açulados pelos tedescos. Reacendeu-se a rivalidade entre Assis e a cidade vizinha de Perúgia, visto que, esta decidira-se pelos Gbelinos contra o Papa. Os assisenses pegaram em armas. Tratava-se de defender duas nobres causas: a sua cidade e a Sé Aposólica. Marchou animosamente e cantando. A guerra, porém, não se faz só de entusiasmo, mas de aprestos e de perícia consumada. A gente de Assis foi destroçada; os que não se salvaram pela fuga caíram prisioneiros.

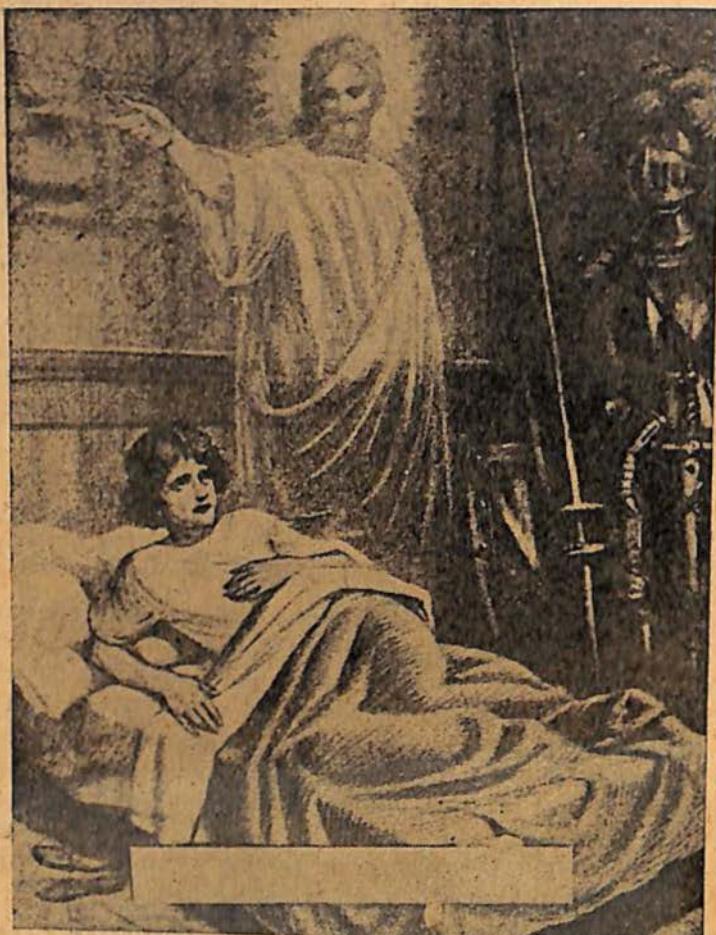
“A disciplina militar prestante”

“Não se aprende, Senhor, na fantasia...”

“Senão vendo, tratando e pelejando.” (Lusiadas, X, 153 a)

Os prisioneiros, e entre êles Francisco, sofreram grande provações e máos tratos durante um ano de prisão. Somente Francisco conservou a serenidade de espírito e o bom humor habitual, alegrando os tristes e reanimando os desacoroados. O seu semblante jovial e cortez ganhou até os enfezados, que se faziam aborrecidos de todos. Restituído à liberdade, apanhou grave enfermidade em Assis. Durante a doença pensou seriamente no vazio da vida dóidejante que levára e nos grandes destinos do homem, criado à semelhança de Deus. A doença é boa conselheira, quebrando a vaidade e as paixões e dispõe o espírito para refletir nas verdades eternas.

Por esse tempo correu em Assis a notícia de que zarpara de Veneza uma frota levando cavaleiros e homens de armas com destino ao Oriente. Lastimou Francisco de não estar entre esses felizes argonáutás. A seguir, porém, seus anseios de glória encontraram uma resposta favorável: apareceu em Assis um gentilhomem, recrutando voluntários para o Duque de Briena que defendia, em Apúglia, os direitos da Igreja contra Marconvaldo, príncipe alemão, o qual queria arrebatar ao Papa a tutela de Frederico. Francisco inflamou-se de zelos e de entusiasmo. Preparou um rico fardamento, que faria inveja a um príncipe. Estava afôito para partir. Nisto se lhe apresenta um nobre de Assis, empobrecido pelos revéses das últimas refregas e em trajes mesquinhos. Lamentava não poder partilhar da expedição, por faltarem-lhe meios de adquirir equipamento e armas. Francisco, embora atordoado pelo renome e pela glória, contristou-se da penúria do cava-



**Fig. 2 — Entre sonhos da glória: — A espada ou a cruz ?**

leiro e cedeu-lhe a rica indumentária. Sua liberalidade era maior do que sua ambição.

Deus, porém, que a ninguem cede em generosidade, suscitou a Francisco um sonho deslumbrante: um castelo magnífico... Abate-se a ponte levadiça. Francisco entra na sala de armas. Arneses, panóplias, escudos, catapultas... Em todas as armas brilha, como sinete, uma rutilante cruz.

— De quem são estas armas? perguntou.

— São para ti e para os teus soldados, respondeu uma voz do alto.

*Pela carreira das armas.* — “E para os teus soldados...” Compreende logo: seria, não somente militar, mas Comandante. Este sonho tinha dois caminhos: O das armas propriamente dito e o da cruz, que nelas figurava. Qualquer jovem, como Francisco, decidir-se-ia logo pelo convite das armas. Confirmada sua vocação militar, realizaria, tal qual a mocidade de seu tempo, os desejos de glória. A idade-média foi uma etapa de contradições entre os altos ideais e as paixões vulgares. Aos motivos transbordantes de santidade e de fé, correspondiam grandes desordens nos costumes. Sacrificavam-se à religião e à Pátria os bens da terra e violava-se de contínuo o sentimento humano e cristão em lutas e crueldades fratricidas. Nutriam-se represálias seculares e por elas se degladiavam, famílias, corporações e cidades. Quem mais dispunha de ouro, mais milicianos punha em campo. A Itália em particular foi teatro dessas lutas cruentas, que ora irrompiam de dentro, ora procediam de fora. As cidades eram guarnecidadas de muralhas e de redutos, afim de que ficassem ao abrigo de assaltos repentinos das próprias cidades vizinhas. A gente vivia em contínuos sobressaltos.

Francisco compreendeu que chegara a vez de acabar com esses distúrbios e de libertar a Pátria da intromissão estrangeira. Urgia pacificá-la e uní-la, para poder mobilizá-la. E decidiu-se pela carreira das armas. Aparelhou o equipamento. Enfarpelou-se como um cavaleiro, apresilhou a espada e partiu para a expedição de Apúlia contra Marconvaldo. A segurança da nação, porém, exige muitos requisitos, e não basta, a cada patriota, de prender o sabre ao cinto e pôr-se em forma, para tê-la resguardada.

“Tal há de ser quem quer co’o dom de Marte  
 “Imitar os ilustres e igualá-los:...  
 “Com militar engenho e util arte  
 “Entender os imigos e enganá-los”. (Luziadas, VIII, 89).

*Vocação malograda.* — No fim da primeira jornada, em Spoleto, nova surpresa o esperava. Reapareceram os sintomas da doença. Na modorra da febre, entre visões de guerra e estrépios de armas, ouviu de novo aquela mesma voz que o perseguia: — Porque deixas o chefe pelo vassalo? O cavaleiro estremeceu: — Como hei de proceder Senhor? — Volta para Assis. Aqui viste o sonho com os olhos, lá o entenderás com a mente. E os pensamentos de Deus lhe iluminavam o cérebro, à medida que suas veleidades se extinguiam, como vagalumes fugidos. Estava encerrado o ciclo das vacilações.

Voltou para casa, mas não se pôde acomodar mais aos negócios. Seu coração estava torturado, buscava na oração o segredo que a voz desconhecida lhe prometera desvendar. Em lugar de serenatas, dava-se agora aos colóquios com Deus. Certa vez, corria alegremente pelas

matas cantando as belezas da natureza. Nisto, dá de frente com um grupo de ladrões.

— Quem és? perguntaram.

— Sou o ordenança, o arauto do Grande Rei.

Os meliantes, vendo-o maltrapilho e sem bolsa, atiraram com ele numa poça de neve. Nem se amedrontou nem ofereceu resistência. Continuou cantando mais vivamente, como se encontrasse novo mote para glosa.

*Contramarcha para a direita e mãos às obras.* — Francisco passava horas a fio deante do grande Crucifixo da igrejinha de S. Damião, fora dos muros de Assis. Era um velho templo onde faziam morada bandos de andorinhas. Certa vez implorava: — Como vos hei de agradar, Senhor? E eis que lhe fala o crucifixo: — Não vés que minha casa ameaça ruina?

Era a mesma voz que ouvira em sonho. Estava entendido o mistério. O Senhor queria a restauração da velha igreja.

Francisco engajou-se a fundo nessa empreza. Esmolava, transportava materiais, trabalhava em tudo. Empenhou também o dinheiro da loja, pelo que foi levado a juízo. Renunciou então a herança e até a reupa que trazia restituuiu ao pai.

A igrejinha restaurou-se, e, como o crucifixo não dissera mais palavra, Francisco interpretou o silêncio como sinal de que sua missão não estava acabada. Havia em Assis mais 2 velhas igrejinhas carcomidas pelo tempo, a de S. Pedro e a de N. S. dos Anjos. Cumpriria refazê-las? Meteu mãos à obra. Dois anos, de 1207 a 1209, levou a esmolar, a contratar obreiros. Trabalhava cantando, de sol a sol, e orava pela noite a fio.

*Para a frente. A reforma das almas.* — Restauradas as velhas igrejas, começou a sentir que Deus não se poderia contentar com obras mortas, mas queria templos vivos. De que serviriam casas confortáveis, mas vazias? Onde estavam as almas para povoá-las?

No domingo seguinte o evangelho da missa, que o sacerdote explicou, deu-lhe um novo sentido de vida que haveria de viver: renunciar tudo para associar-se a Cristo na salvação das almas. Dito e feito. Despojou-se até dos sapatos e vestiu uma longa túnica, ajustada aos rins por um cordão.

*A nova grei.* — Não tinha mandato para pregar, mas começou a fazê-lo, tal era o seu ardor de caridade. Suas alocuções em público eram um apelo veemente ao amor de Deus e à união fraterna. "Salvação e paz", repetia ele pelas ruas de Assis. Suas exortações e seus exemplos produziam efeitos maravilhosos, porque traziam a unção do Espírito Santo. Dois homens importantes de Assis apresentaram-se para segui-lo, um jurisconsulto (Pedro de Catani) e um abastado e



**Fig. 3 — Dialogando com o crucifixo de S. Damião**

culto gentilhomem (Bernardo de Quintavale). — Iremos à Igreja e saberemos o que Deus quer de nós. Na manhã seguinte invocaram com grande fervor as luzes de Deus, e, aberto ao acaso, por três vezes, o Novo Testamento, eis se depararam textos idênticos de três evangelistas: — se queres ser meu discípulo, renuncia tudo e segue-me.

— Eis a nossa regra e a de todos os que se nos quizerem associar-se, exclamou Francisco. E pela primeira vez expressa a idéia de uma congregação. Bem logo outros e outros se apresentam. A nova grei se agita e começa a pregar pelas redondezas concitando as gentes à penitência. O Bispo de Assis advertia-lhe que a pobreza

total, que levava com os companheiros, era dura demais para a condição humana.

— Se possuíssemos bens temporais, careceríamos de tempo para cuidá-los e de armas para defendê-los. Da posse das coisas provêm litígios que degradam a fé e que endurecem o coração do homem.

Os postulantes aumentavam. Era necessário pleitear a aprovação do Papa. Dirigiram-se a Roma em 1.210. Governava a Igreja o grande pontífice Inocêncio III. Causou estranheza ao Pontífice a regra de pobreza e o teor de vida que se impunham.

— Não duvido de vosso fervor, mas tenho em conta a perseverança dos que vos seguirem.

E mandou que porfiassem em orações, para que fosse manifesto se, o que pediam, era conforme à vontade de Deus.

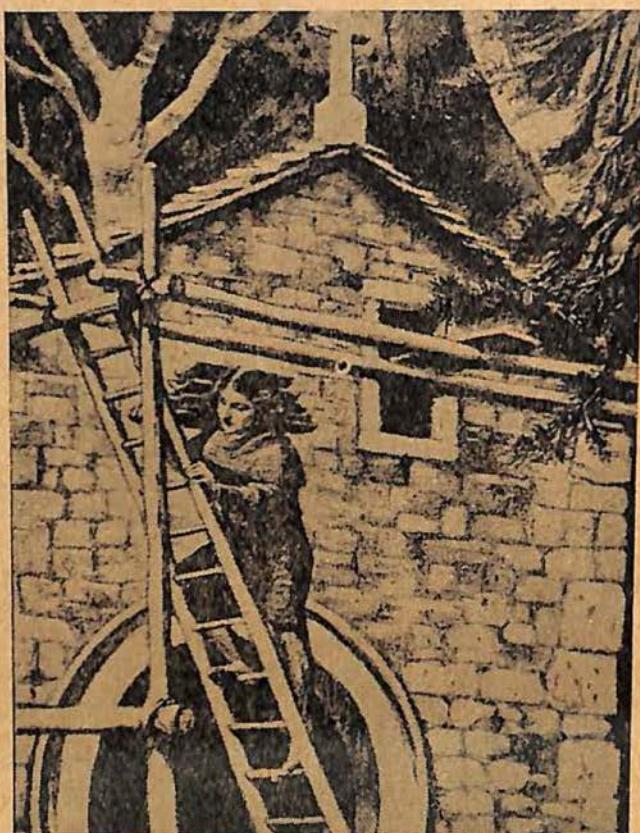
*Escolando a igreja-mãe.* — Entrementes o Pontífice viu em sonho a estranha visão daquele homenzinho de Assis, mirrado e pobre, a soerguer, como pigmeu de bronze, a Basílica-mãe. Não teve mais dúvidas. Embora, no sentir humano fosse rematada imprudência aprovar uma regra de total desprendimento, não devia desconhecer que ela fôra a norma seguida e preconizada pelo Cristo. Inocêncio III abençoou a nova família religiosa. Os 12 primeiros irmãos fizaram aos pés do Pontífice a profissão solene. Assim, reconhecidos pela Igreja, receberam as credenciais do apostolado e começaram a multiplicar-se e espalhar os benefícios da pregação e da paz.

Francisco era homem católico e apostólico por excelência. Católico no sentir e no agir com a Igreja, e, apostólico, no destino missionário de sua grei. Mesmo inspirado por Deus, nada empreendia que não tivesse o beneplacito da autoridade eclesiástica. Por isso mesmo não arquitetava planos. A inspiração divina e a fidelidade aos movimentos da graça orientavam o seu coração nos rumos que Deus lhe traçava dia a dia. Seu primeiro sonho advertiu-o devia tornar-se chefe de cavaleiros para reaver a Terra Santa. Depois, a voz falou-lhe em restaurar a casa de Deus, e êle empenhou-se em recompor os templos arruinados. A seguir, percebeu que essas casas de oração continuavam mudas e era mister povoá-las de fiéis, que contassem os louvores de Deus, visto que as paredes frias não podiam fazê-lo. Ele então decidiu-se a pregar. Vieram-lhe chufas e vásias do populacho, mas responderam ao chamado os primeiros discípulos, homens de letras e de haveres. Foi daí que pensou em organizar o apostolado. Homem fiel a Deus e manso, à maneira de Moisés e de Davi, havia de ser também um grande condutor de homens, porque procurava na oração frequente o divino bemquerer. Este, lhe sendo indicado no correr dos incidentes, êle o abraçava, como sendo mandato do grande Rei, e o punha em prática, depois de obter o sinete de reconhecimento

do Vigário de Roma. Assim surgiu a Ordem dos Frades Menores — chamada a Primeira Ordem — destinada ao apostolado. Em 1.º 212 foi procurado por uma jovem de família nobre de Assis. Ouvira as suas prédicas. Ficara deslumbrada. Queria também dar-se a Deus. Era moça, bela e rica. Havia candidatos à sua mão. Francisco mostrou-lhe o eterno dilema da vida. Dois caminhos. Um, estreito e eriçado de espinhos, poucos enveredavam por ele. Outro era espaçoso e franco, acomodava-se a todos os gostos. Qual escolheria? Ela preferiu o primeiro. Foi a pioneira das Damas Pobres — a Segunda Ordem. A 1.ª Ordem, dos Frades Menores, constitui o Estado Maior da milícia seráfica. Destina-se a estruturar o cérebro e o arcabouço da grande obra. Integra no seu quadro diretores e artífices, chefes, missionários e desbravadores, condutores de almas, mestres e guias do povo. A 2.ª Ordem, das Pobres Mulheres, que manejam as forças invisíveis da oração, vota-se à vida do claustro, apartada do convívio social. Paradoxo para o mundo: "parasitas", "derrotistas", fogem e se segregam, sonegando concurso à família e à sociedade. Incompreensão do mundo. Almas de elite, decididas, heróicas, generosas, deixam os encantos do lar e do século por uma vida de renúncia, de trabalho, de oração e de penitência. Que visam com isso? Imolar-se, como Cristo, para a salvação das almas e pelo bem da sociedade. Há milhões e milhões de almas que vivem como se não houvesse um Deus que é Pai; que não lhe reconhecem a existência e os benefícios. Outros que vivem extraviados nos caminhos da ignorância ou da iniquidade. Por êsses, elas se imolam. Pedem pelos que não oram, agradecem pelos ingratos, vigiam pelos displicentes, sofrem pelos oprimidos, humilham-se pelos soberbos e pelos violentos, maceram-se pelos dissolutos, jejuam pelos gosadores e insatisfeitos. Realizam, enfim, esse esforço psíquico da prece, esforço imponderável, mas fecundo, que sobe suavemente para Deus, como o perfume do incenso e como os vapores da tarde; e que desce invisível sobre a terra, como o orvalho das noites serenas. A vida de renúncia e de oração, no fundo dos claustros, é de tal modo eficiente e necessária à paz do mundo e ao bem público, como soem ser as retaguardas ativas, concentradas no esforço de guerra, para a vitória dos exércitos nas frentes de batalhas.

*A conquista do mundo.* — Uma nova formação — a Ordem 3.ª — viria depois. Era uma inovação. Ninguém a teria pressuposto. Estava sómente no pensamento do Eterno. Francisco a realizará a seu tempo, quando Deus lha houver manifestado, depois de haver consolidado os quadros da Primeira e da Segunda Ordens.

Estavam lançados os fundamentos e os destinos da obra franciscana. Cumpria agora fossem disseminados os seus rebentos e os seus frutos. Não bastariam os países cristãos? Francisco lançou uma mi-



**Fig. 4 — "Francisco, repara a minha igreja"! — Ordem dada e executada.**

rada para o Oriente. Ali nascera o Cristo, mas o Evangelho fôra de lá banido. E não se pôde conter. Jerusalém era prêsa do Islamismo. Não podendo investir de frente, decidiu abordá-la pelo flanco, cominho de Damasco. Ele precisaria dar o exemplo. Começaria pela Síria, de onde partiu Abraão para a Palestina. Ali está o Líbano, montanha sagrada...

Mas o navio em que embarcara foi jogado por uma tormenta nos baixios da Eslovênia. Teve que regressar. Não esmoreceu nem alterou os fins da missão. Falhara-lhe o 1.º objetivo. Modificou apenas a idéia de manobra: em vez de atacar pelo flanco norte, atacaria pelo meridional. Não seria mais Jerusalém pelo caminho de Damasco, mas Jerusalém pelo caminho do Egito. Fez meia volta para a Itália, atra-

vessou o sul da França e entrou na Espanha com o fito de abordar Ceuta. Iniciaria a conquista da África, a começar em Marrocos, para chegar ao Cairo. Daí, em 40 jornadas, atingiria a Palestina, como fizera o exército de Moisés. Sonho de louco? Sim, ainda era cedo. Depois da viagem a pé, fatigante, mas cheia dos frutos que deixou em Compostela, Barcelona e alhures, adoeceu gravemente. Houve de retornar a Assis, sem ter podido chegar às colunas de Hércules.

Mais uma vez Deus lhe fechava o caminho do Oriente. Tentaria ainda uma vez, desta para se implantar definitivamente em Jerusalém.

Em 1215 celebra-se o IV Concílio do Latrão. Conhecem-se ali, sob as vistas do grande Pontífice Inocêncio III, as duas almas iluminadas daquele século: Francisco e Domingos. Seus Institutos são abençoados pelo Papa e êles partem para levar a todos os quadrantes a palavra de Deus.

Em 1216, surge nova maravilha franciscana — a indulgência da Porciúncula, coisa desconhecida nos anais da Igreja: Uma pequena Igrejinha de Assis recebia o privilégio das grandes Basílicas de Roma. Agora sim, Francisco está preparado para a conquista do mundo, conquista sem troféus, nem humilhações. Em 1219 reune-se o Capítulo Geral, chamado Capítulo das Esteiras. Cinco mil religiosos, por não terem cômodos na pequena cidade de Assis, acampam ao relento, construindo palhoças para se abrigarem. Magnífico exemplo de verdadeiros soldados. Realizando esse certame memorável, Francisco insistiu no caminho do Oriente. Já havia mandado em 1219 uma "esquadra de volteadores" a Marrocos, flanco esquerdo do inimigo; agora escolhera para si o centro do dispositivo. O grande amante da cruz ansiava em reerguer a cruz, nas mesmas terras em que Cristo preagara o Evangelho, e onde ela fôra levantada para crucificá-lo.

*A 5.<sup>a</sup> Cruzada.* — Mobilizava-se a 5.<sup>a</sup> Cruzada, para acudir ao apelo do Papa. Era uma ignomínia para a cristandade que Jerusalém estivesse em mãos do infiel. Os soberanos da Hungria, da Baviera e de Áustria estavam à frente dessa operação militar e política. O plano de operações consistia em levar primeiro a guerra ao Egito-Damieta, cidade-forte, gosava de situação chave, cobrindo o acesso ao mar Vermelho. Assegurava também ligação estratégica da África com a Ásia, berço e sede do Islamismo. Francisco dirigiu-se ao Egito e enviou de caminho elementos para descerem na Síria. Já se havia espalhado a semente dos cinco primeiros mártires franciscanos de Marrocos, em 1220. O sangue desses heróis seria a semementeira de novas conquistas. Enviara agora novos elemetnos à Síria e êle ia lançar a rede evangélica ao centro.

*As operações militares entram em curso.* — Os chefes resolveram

fazer o esforço principal pelo Egito, onde estava a sede do grande comando muçulmano. Sua situação estratégica era de importância capital para as operações no Mediterrâneo oriental e para contrarrestar a influência política e militar do inimigo no Norte da África. Era necessário desarticular esse poderoso elo de ligação entre os 2 continentes, no sentido de conter a invasão da Europa com trampolins em Tripoli e em Ceuta, tal qual fizera Aníbal.

Os chefes da 5.<sup>a</sup> Cruzada acometeram assim pelo centro do extenso dispositivo inimigo, como para quebrar-lhe o espinhaço. Destruído o poder militar e político no Egito, conquistada a Palestina e o Líbano, os invasores do Norte Africano seriam varridos para o Saara e seus remanescentes, do Nilo e das Terras de Israel, refugiar-se-iam pela Arábia em fora. A concepção era magnífica. A execução foi desastrosa.

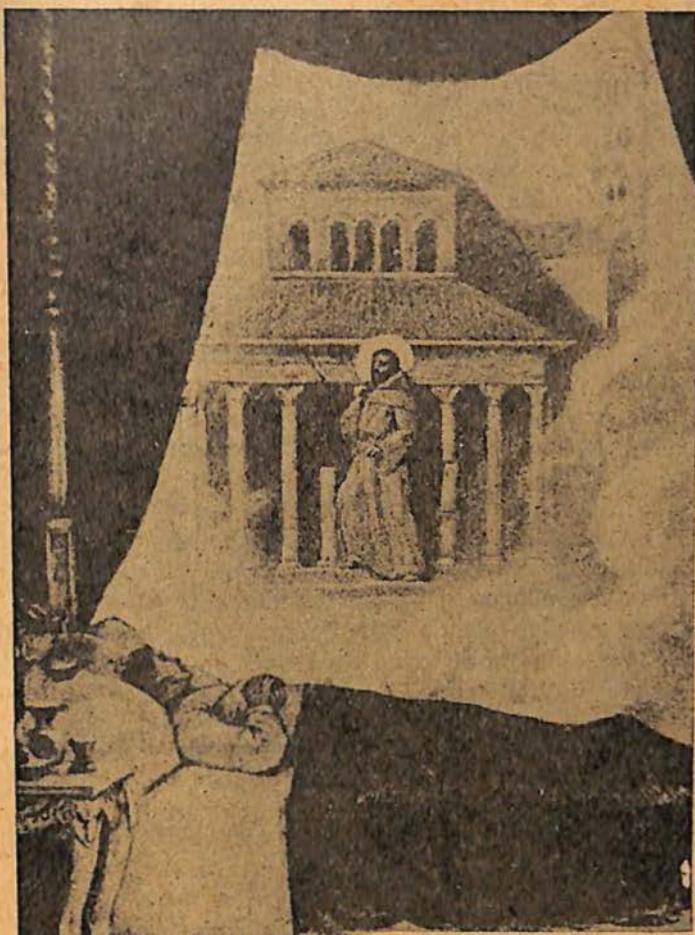
Os exércitos desembarcaram no Egito, alargaram sua cabeça de ponte e investiram contra a cidade fortificada de Damieta, que cobria o vale do Nilo. Os mouros foram batidos nos primeiros encontros e tiveram de abrigar-se por traz das muralhas de sua cidade-chave, que, a seguir, foi sitiada pelos Cruzados. Nesses tempos de inexistência da pólvora, as armas de arremesso eram como que brinquedos de nossas crianças de hoje. Não passavam de catapultas que lançavam seixos e fachos de fogo a pequena distância contra inimigos fortificados. Estes ficavam ao abrigo dos fossos ou a cavaleiro, em altas terras, de onde lançavam setas e pedras contra os assaltantes.

Se a praça dispusesse de água, viveres e munições, o ardor combativo não esmorecia. O cerco havia de prolongar-se por largo tempo e, às vezes, se tornava inoperante. A guerra era um duelo de exército contra exército, como luta de touros. Quando o podério militar da nação estava nas fortalezas, essas é que entravam em xeque, visto que, uma vez tomadas, caía a armadura militar da nação.

Eis porque os Cruzados, como outros exércitos desse tempo, ao invés de deixar para traz as praças sitiadas e prosseguir na conquista do país atacado, de modo a ocupá-lo, dominando as forças vivas da nação, deixavam-se ficar deante dos muros daquelas praças como se elas fossem o fim da guerra e, não simplesmente, objetivos. Sua importância era de grande valimento na trama de operações, mas constituía um impasse e um desgaste para os atacantes quando elas porfiavam na resistência.

*Exército sem coesão, Exército vencido.* — O que foi o cerco de Damieta? — Inépcia militar, fruto de desinteligências, que romperam a unidade de comando e culminaram em malôgro nas operações do conjunto.

Quando Francisco chegou à Damieta, a cidade islamita estava



**Fig. 5 — Francisco escora a igreja do Latrão. Sonho de Inocência III**

sitiada pelos Cruzados, mas êstes vinham de ser repelidos sangrentamente num assalto infeliz à praça forte, defendida valentemente por dois caudilhos muçulmanos, o sultão do Egito e o de Damasco.

O Exército cristão estava minado pela indisciplina. As desavenças dos chefes somavam-se à rapinagem e a intemperança das tropas. Sta. Joana D'Arc advertira um dia que as derrotas provêm da indisciplina e corrupção dos soldados.

O Santo viu tudo, observou a situação e ficou consternado. O estandarte da cruz só estava ali como sinal de ignomínia. Francisco advertiu aos Chefes não tentassem estupidamente novo assalto que

seriam derrotados. Não lhe deram ouvidos. O assalto foi desencadeado e nova derrota os arremegou para a retaguarda, ficando coalhada de mortos a orla da praça.

*A conquista dos corações.* — A missão mais urgente devia ser empreendida entre os próprios cruzados. Depois de se haver dado à oração e de fazer apelo aos chefes empedernidos, julgou que devia empregar o último cartucho para amolecer aqueles corações, e começou a pregar-lhes, usando da linguagem ardente dos cavaleiros que ele bem conhecia. Aproveitando da humilhação trazida pelos revéses, procurou reacender, entre os cristãos, um novo entusiasmo pelo destino da guerra que vinha sendo desfigurada.

Mas não bastava erguer o espírito combativo dos cruzados, urgia realizar o objetivo de sua missão, que não era apenas a vitória das armas cristãs, mas a conquista dos muçulmanos para a fé. Iria ao campo adversário, não com o propósito de Judit, para golpear o Sultão, mas, à maneira de Ester, para ganhá-lo para Deus. Vencida a resistência capital, todo o corpo da grei submeter-se-ia. E penetrou sózinho, ousadamente, nas linhas inimigas, levando uma couraça — a fé, e esta só arma formidável na mão: — a Cruz.

As pratulhas inimigas quizeram trucidá-lo. Quem era esse homem de aparência grotesca, dando ares de fanático? Como gritasse com ênfase: — Sultão! Sultão!, tomaram-no por um mensageiro e o levaram a presença de El Kamel:

— Vens como mensageiro da paz ou em busca de Alá?  
— Venho em nome de Deus, para anunciar-te a salvação, respondeu ao Sultão,

e falou-lhe com tamanha unção e eloquência que El Kamel, encantado daquele homenzinho prodigioso, disse-lhe:

— Fica comigo e te darei honras entre os meus.

Francisco porém lhe advertiu amavelmente:

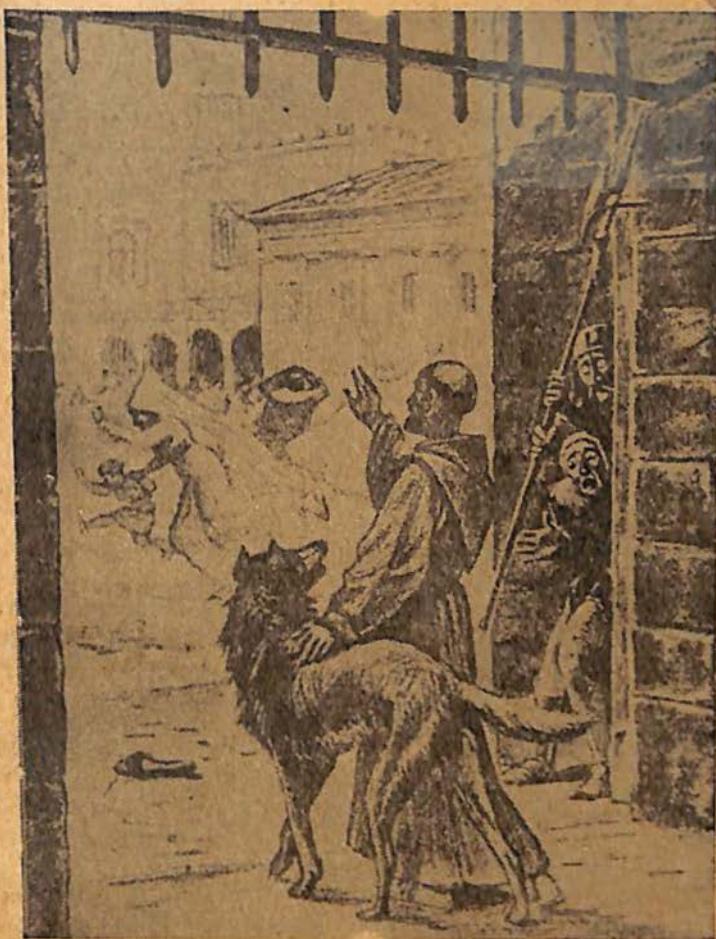
— Se te queres converter com meu povo ao Cristo, ficarei contigo de bom grado. Mas se duvidas, põe em jogo o Cristo e Maomé. Manda acender uma fogueira e lança-me com os teus sacerdotes nas chamas. Seja para tí verdadeira a fé daquele a quem o fogo não tocar.

Receu o Sultão da ousada proposta:

— Temo que nenhum sacerdote de Alá queira expôr-se de tal sorte em defesa do Alcorão.

Francisco tentou um supremo esforço:

— Pois então, para que te persuadas, dansarei eu no fogo. Se arder, leva-o a conta de meus pecados, mas se sair ilesa, reconhece nisso a virtude do Cristo e renega a tua fé.



**Fig. 6 — Todos fogem, mas o lobo reconhecido por Francisco, torna-se manso como cordeiro.**

Surpreendido e admirado por tão estranho desprendimento, o Sultão ofereceu-lhe valiosos presentes, que ele recusou com simplicidade:

— O que eu quero de tí é o teu bem e tua alma para Deus.

Recebeu, em troca, um salvo-conduto com a liberdade de trânsito em terra sarracena, podendo ir e vir à Palestina e nela se estabelecer.

Foi uma de suas maiores conquistas. Conseguio assim um lugarzinho permanente para seus frades no Santo Sepulcro, o qual vem sendo mantido há sete séculos, sem mesmo sofrer interrupções nas perseguições ali desencadeadas contra os cristãos. Diz-se ainda que ganhou

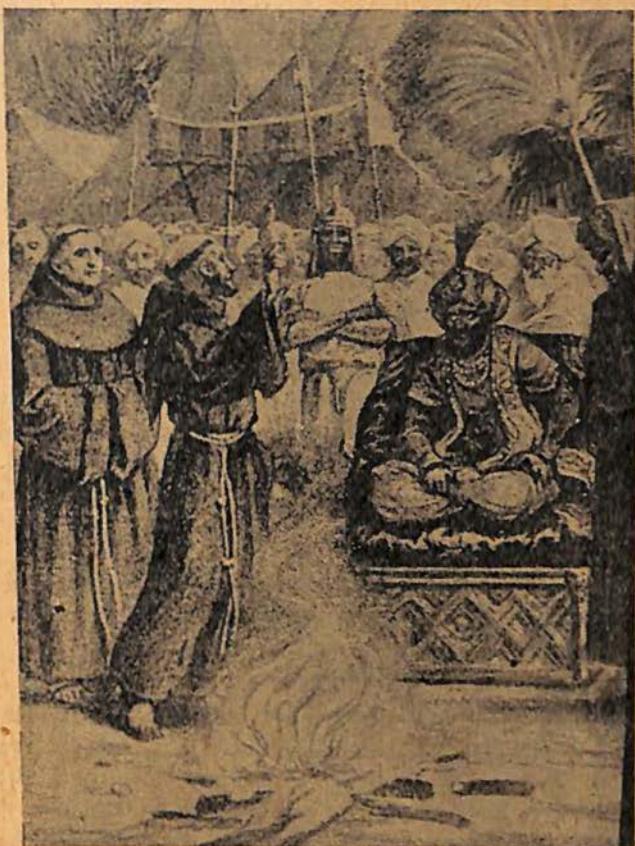
por tal modo o coração do Sultão, que, êste, sentindo-se morrer, pediu lhe fossem enviados dois frades para o confortarem.

Em 1220 Francisco voltou à Itália. O seu nome empolgava as populações da península e corria mundo. Foi por êsse tempo que a pequena grei de 5 frades que êle enviara à Marrocos para a conquista da África, pereceu às mãos dos mouros. De lá retornaram sómente as ossadas daqueles "loucos" missionários. Expedição malograda, é certo, mas — coisa notável — o que não puderam aqueles homens ardorosos, puderam-no as suas cinzas frias, levadas para Lisboa, e a tal ponto, que viraram a cabeça daquele rebento dos Bulhões, que depois foi S. Antonio, frade formidável, o qual, sózinho e enquanto vivo, conquistou meio mundo para a fé, e, depois de morto, se fez prestimoso soldado do Brasil.

*A conscrição geral — fundação da Ordem Terceira.* — A mobilização dos espíritos para a vida religiosa tomou um impulso desconhecido. Em 1221, Francisco pregou em Canara com tal unção, que homens, mulheres e jovens queriam abandonar tudo e seguir-ló na vida religiosa, esquecidos de seus lares e de sua condição social. Enquanto êle falava, sobreveio um incidente pitoresco: As andorinhas, em revoadas, acorreram onde falava Francisco e faziam tal alarido em torno da pessoa do Santo, que êle interrompeu a прédica, para acariciar as que pousavam no seu manto. Abençoando-as, mandou que partissem. Elas, fazendo um grande vozerio, repartiram-se em leque aos quatro ventos.

Estas ocorrências fizeram amadurecer no espírito de Francisco a resposta que vinha formulando há tempos na oração, para corresponder aos anseios das populações, ávidas de terem uma direção espiritual na vida. O Santo, porém, cuja piedade corria parelhas com a prudência, via no fervor das multidões uma ameaça à desorganização social e da família. Concebeu então uma forma de laicato, que não levava ameaça nem à ordem social nem às vocações religiosas, mas, ao invés viria fortalecer a ambas, prestigiando o Estado e a Igreja. O novo sodalício era a *Ordem Terceira*, que cabia a todos de ambos os sexos, e se adaptava a todas as condições, sem o vínculo dos votos que prendem os religiosos das ordens regulares.

S. Francisco tornou-se assim, praticamente, não só um reformador dos costumes mas também um corregedor espiritual da sociedade. A Primeira Ordem formava a hierarquia, o comando das milícias franciscanas; a Segunda, uma alavanca psicológica e moral, cujo braço de aplicação firmava-se na oração e na clausura. A Ordem Terceira seria a conscrição geral, formada de homens e mulheres de todas as condições e gêneros de vida, unidos entre si pela caridade fraterna, mas distintos e separados quanto aos vínculos políticos, de família e



**Fig. 7 — Um desafio ao Sultão: Francisco propõe uma dança na fogueira**

de interesses. Todos os que não pertenciam a ordens regulares podiam ser terciários: padres, seculares e leigos, viúvos, casados e solteiros, uma-vez-que fossem fieis às regras de fé e devotadas à Igreja.

*Os cânones da Ordem Terceira.* — Quem se inscrevia na Ordem dos irmãos terceiros comprometia-se a procurar a paz com os próprios desafetos; a restituir os bens mal havidos, a cumprir os mandamentos de Deus e da Igreja, a não usar armas, a não prestar juramentos senão nos casos admitidos pela Igreja; a reunir-se mensalmente para as instruções e ofícios em comum; a visitar os enfermos, a contribuir para a caixa comum, em benefício de obras pias e dos irmãos que viessem a cair em necessidade.

Essa regra de vida produziu uma revolução social nos costumes e na política. A obrigação de restituir os bens mal adquiridos era de

molde a transtornar a economia de muitos, mas reparava as injustiças, moderava o arbítrio das autoridades, acalmava os rancores dos pobres contra os abastados, prevenia as vindictas particulares e as repressões fiscais. Os próprios usurários e prevaricadores se viam constrangidos.

A obrigação de não prestar juramento, senão nos casos graves e de consciência, rombia de-uma-vez com a trama feudal de obrigações, pelas quais a nobreza e os ricos se associavam, explorando o bem comum e a fraqueza dos desprotegidos. Por outro lado, a isenção dos juramentos partidários desorganizava a máquina política das facções comunais, instrumento odioso que dividia os cidadãos e os acirrava em perpétuas contumélias.

Não podendo jurar, os terciários não podiam firmar compromissos com partidos ou senhores e, dessarte, ficavam livres da sujeição dos mandões. A interdição do porte de armas era avançada novidade para aqueles tempos, em que campeava a prepotência, e cada um se tinha de valer das armas, para garantir-se ao direito de viver, que as leis não asseguravam.

Desde então estes homens inermes, mas corajosos, — *os terciários* — não temendo reações contrárias, intervinhama para acalmar as contendentes, reconciliar os inimigos, apaziguar os espíritos e repôr a ordem e a paz na sociedade. Agindo pelo exemplo, afastavam, com seu proceder pacífico, o germe de represálias e de guerras civis.

As contribuições mensais dos irmãos, visando um fundo para assistência coletiva, era uma antecipação feliz das nossas caixas de previdência social. Essa forma de socorros mútuos permitiu à Ordem Terceira de arrancar a beneficência do monopólio tendencioso dos ricos. Ficava assim a política de facções à mercê das iniciativas isoladas e dos caprichos de certos monastérios. A verdadeira beneficência se erigia em obra de assistência organizada, sob os auspícios da caridade, que se manifestava pelas contribuições de todos em benefício coletivo, e sem olhar o esforço maior ou menor do rico e do pobre, mas ao amor fraterno que todos congregava, à semelhança do “cíngulo” — laço afetivo que unia os altos dignitários à arraia miuda.

A Ordem Terceira foi uma notável invenção do gênio criador de Francisco, a última na série de suas grandes obras. Tornou-se, pela extensão e universalidade de sua conscrição, o “lugar comum” que assegurava no mundo civil, o prestígio e o suprimento de vocações das duas primeiras Ordens, e implantava o espírito do Evangelho em todas as classes.

Se Francisco ficasse adstrito às duas Ordens regulares, como S. Domingos, seria ainda assim, como este e alguns predecessores, um grande fundador. E’ porém, pela sua Ordem Terceira que ele se elevou a grande reformador social e “*emendator*”, como o qualificou depois



**Fig. 8 — Com o nome de Antonio ingressa entre os Frades Menores o jovem cônego lisboense.**

de sete séculos, o grande Pontífice Pio XI, ao lhe outorgar esse título “ousadamente novo na história da Igreja” e a lhe confiar a “liderança” espiritual da Ação Católica. (Nota n.º 1, in fine).

*A última batalha.* — O Grande Exército estava organizado: a Primeira Ordem exercia os misteres da direção e do comando; a elite das virgens da Segunda Ordem, no retiro dos claustros, seria a pira ardente da imolação e da prece que desarma a justiça de Deus e propicia as bençãos, como irradiações do sol na maturação das searas.

A Ordem Terceira compreenderia a multidão de irmãos de todas as classes a que se alistaram, ainda nos dias do Patriarca, príncipes e monarcas, generais e cavaleiros, sábios, camponezes e artistas, damas da Corte e mulheres do povo. O Patriarca encerrava assim o ciclo de suas obras. Era ainda moço, mas estava no fim. Em 1224, na

quaresma do Arcanjo S. Miguel, Patrono dos Grandes Comandos, Francisco recebe os sinais da crucifixão. Seu desejo, de fato, era ser imolado como Jesus. Tendo o "infiel" lhe recusado duas vezes o martírio, pediu ao Cristo lhe desse a sofrer as dores acerbas de sua paixão. E o Cristo veio em pessoa crucificá-lo, abrindo-lhe, nos membros e no lado, feridas idênticas as dos ferros que os trespassaram. Dois anos ainda carregou os estígmata doridos. Passou o comando das milícias. Chegado o dia 4 de outubro de 1226, convocou seus filhos, os amigos e os irmãos da natureza.

Ergueu-se num esforço supremo e abençoou a Pátria com as mãos cruzadas sobre os peitos. Depois, estendeu-se na cinza sobre a terra nua, reunindo as últimas energias, para entoar a última canção. Único entre todos, ia morrer cantando.

Vinha entardecendo. Bandos de cotorras ruflavam as asas em revoadas. O irmão sol, rotundo e belo, encerrava mais uma jornada rutilante. A irmã água, humilde e casta, murmurava sua eterna sinfonia. E a irmã morte... mas a irmã morte veio no último momento, entoando uma canção de glória aos que morrem cantando as glórias do Senhor.

## CONCLUSÕES

1.º) S. Francisco é o único dos Santos que gosa de universal estimativa dos homens de pensamento, sem distinção de credos e filosofias, porque todos vêm nêle a criatura mais simples, humana, pacífica, generosa que tem existido. (Nota n.º 2, in fine).

Foi a um tempo idealista e realizador, contemplativo e homem de ação. As idéias nêle se cristalizavam em atos e os atos se espiritualizavam em anseios de perfeição. De impulsivo e veemente, que era no começo para as ações generosas, tornou-se depois, não menos ardente, mas sereno, e como que senhor dos acontecimentos, pela intuição segura que nutria dos seres e das cousas.

2.º) Foi homem de fé consumada. Via nitidamente, sem véus, os aspectos da criação e o ascendente inconfundível do Creador. Por isso mesmo, não sendo homem de letras, foi cantor e poeta, enamorado da natureza e das almas — obras primas de Deus.

Brilhou nêle a centelha do gênio, mas só pôde ser gênio porque foi seráfico, saindo de si totalmente para dar lugar ao próprio Deus que nêle agia.

Não tinha "eu" nem "meu". Ganhou assim os corações de todos e até os animais e as forças da natureza lhe eram submissos.

"Alter Christus" é chamado.

3.º) Fez-se guerreiro para defender a honra e os brios da Pátria. Não via no adversário um inimigo, mas um obstáculo. Tomou parte em três arremetidas heróicas: o levante contra a ocupação tedesca de sua cidade, a expedição de Assis contra Perúgia e a primeira jornada de Apúlia.

Em Perúgia tiveram por certo de subjugá-lo para fazê-lo prisioneiro, pois temia mais a desonra militar que a morte. Portou-se sempre ariosamente como bom soldado, seja manejando a trôlha e a pá, seja de armas na mão, e, ainda, nas horas de amargura, vencido e prisioneiro. Trabalhos, lutas, vicissitudes, ele os encarava como incidentes do ofício e os levava com ânimo sereno e bom humor, procurando tirar partido até das ocorrências desfavoráveis.

Compartilhou da destruição das obras germânicas em Assis e da ereção das fortificações de sua cidade.

Reparou e construiu templos e mosteiros — casernas de formação das almas. Escorou com o peito a Igreja-mãe.



4.º) Foi organizador e Chefe de milícias — um grande exército — que engajou no curso dos séculos a remover o “não” e a erguer o “sim” do que concerne ao reino de Deus.

5.º) S. Francisco, como subordinado, foi diligente, pronto, humilde e afeiçoado aos Chefes. Como Chefe, exerceu o mando com paternidade. Na obediência e no comando foi exímio e admirável, porque, como Davi, punha em tudo a “verdade” e a “justiça” com o condimento da “brandura”.

6.º) S. Francisco foi grande em tudo. Ufane-se a Engenharia militar de tê-lo por Patrono.

Um exército não marcha sem estradas, não agarra o inimigo sem varrer os obstáculos que o precedem, e só detém adversário superior opondo-lhe tropeços e fortificações.

Foi "Arauto de Deus", fazendo o papel das "transmissões". Destruiu obstáculos, construiu obras de defesa e de comunicações, impondo-se como exemplo a sapadores e pontoneiros.

Eis como S. Francisco, que é padrão de todas as virtudes, veio a figurar também como insigne Patrono da Engenharia militar, a arma dos grandes trabalhos e dos modestos lidadores na paz e na guerra.

#### NOTA 1

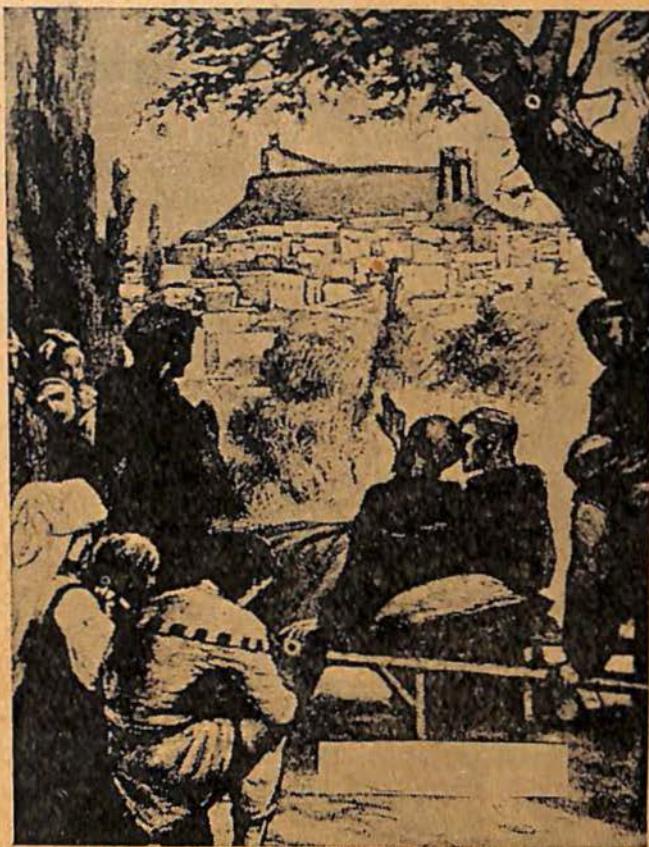
#### *S. FRANCISCO — PATRONO DA AÇÃO CATÓLICA*

S. Francisco foi um homem dinâmico, de energias criadoras. Sua força de realizações prolonga-se através dos séculos. Não faz muito, o grande Papa Pio XI, "divinamente inspirado", consoante sua própria afirmativa, criou, no final do seu vigoroso pontificado, uma novel organização universal — a AÇÃO CATÓLICA —, isto é, participação dos leigos, dirigidos pelo Episcopado, no apostolado hierárquico da Igreja. E, para Patrono desse grande exército espiritual, a quem iria buscar o venerando Pontífice? Não houve que vacilar; um grande nome se impôs desde logo, foi o do Patriarca de Assis, mercê das cintilações de sua intuição social, católica e apostólica do mundo.

Entusiásmando com essa feliz idéia — de apostolado leigo — nestes tempos em que o clero é insuficiente e que as lutas ideológicas são acirradas e frequentes, assim se exprimiu um esclarecido Bispo brasileiro:

— Esta nova forma de apostolado, sob a "liderança" espiritual de S. Francisco, parece indicar o pensamento oculto do Santo Padre, de refundir os vários ramos das Ordens Terceiras, para erigir um só exército terciário, não mais por grupos estanques, vinculados às antigas Ordens regulares de onde procediam, mas unificados, rejuvenescidos e supercomandados pela Cúria Romana, sob a imediata direção do Episcopado. Este exército terciário, disciplinado, coeso e uno, eu antevejo, só pode ser a grandiosa e novel organização da Igreja — A AÇÃO CATÓLICA.

Eis aí como o espírito vivificador de S. Francisco se transporta no correr dos séculos, suscitando novos processos de recristinização da sociedade.



**Fig. 10 — Francisco, agonizante, abençôa a Pátria.**

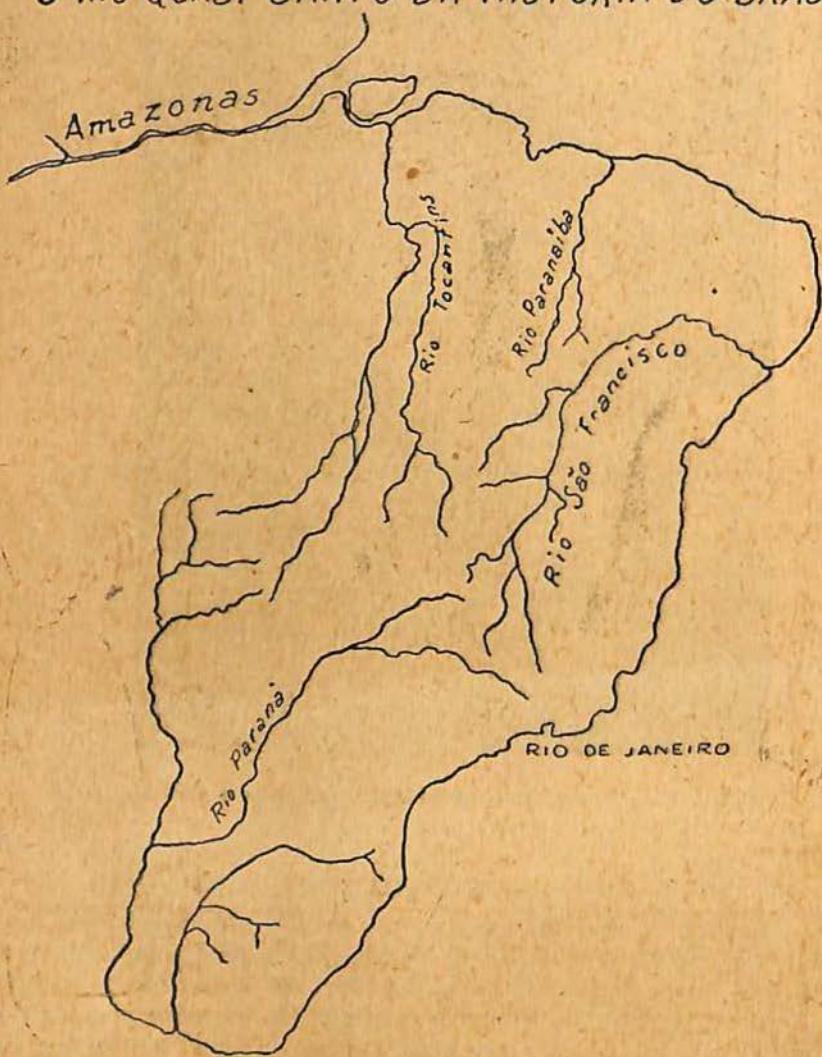
#### NOTA 2

#### *O NOME DE FRANCISCO EM TODO O MUNDO*

S. Francisco é alvo da simpatia universal. Os aspectos de sua personalidade, simples em si mesma, mas complexa para quem a observa de fora, vem sendo estudados, cada vez mais, há 7 séculos, por escritores e artistas de todos os credos e matrizes, em variados gêneros do pensamento, no afã de surpreenderem o segredo das transformações por ele operadas nos corações dos homens e no espírito do mundo.

Seu nome foi o alfa de um série notável de "Franciscos" que se seguiram na categoria de santos, soberanos e homens ilustres. Francisco passou a figurar no onomástico de famílias de linhagem nobre. Em todas as línguas seu nome multiplica-se aos milhões nas pias batismais e nos registros civis.

## O RIO QUASI SANTO DA HISTÓRIA DO BRASIL



O RIO SÃO FRANCISCO CURVADO SOBRE OS  
RIOS VISINHOS, REALIZA UMA FUNÇÃO DE  
TRAMPOLIN NO DESBRAVAMENTO DA INTER-  
LÂNDIA BRASILEIRA

Diversas Ordens religiosas e sodalícios autônomos, no curso dos últimos séculos, vieram alinhar-se debaixo de seu patrocínio. Na história e na geografia das nações, a repetição de nome "Francisco" patentêia o grau de preferência que êle tem desfrutado no espírito dos desbravadores e povoadores da terra.

Tambem no Brasil os acidentes geográficos e políticos vem repassados da influência do Santo de Assis. A primeira missa celebrou-a um franciscano, Frei Henrique de Coimbra, ao plantar a primeira cruz no solo brasileiro. A evangelização do selvícola, a colonização, os grandes colaboradores do golpe do Ipiranga com Frei Sampáio, missionários de todos os tempos, Capelães de nossas operações militares, tiveram decidida participação de franciscanos. Cidades, portos, vilas, sítios, fazendas, bispados, paróquias, basílicas, capelas, irmandades, empresas, etc. etc. pontilhados na cartografia brasileira com o nome do santo, testemunham que S. Francisco é grandemente querido e piedosamente invocado no Brasil por nossos patrícios de ontem e de hoje.

Por último, surge em evidência êsse nome bizarro do *Rio S. Francisco* — "rio quase santo da histório do Brasil" (\*), — rio essencialmente brasileiro — que é uma página de nosso passado e uma esperança de nosso porvir, caminho andante que liga o litoral, de Leste a Oeste, com a interlândia, e, depois, numa admiravel conversão à esquerda, encurva-se mágicamente de um quarto de círculo, para vincular o Norte ao Sul. O rio-corcunda parece genuflexo. E' como um braço do Santo, em atitude de amplexo, acariciando as vertentes (vide o mapa do Brasil) dos grandes rios Paranaíba, Tocantins e Paraná, no sentido de irem narrar ao Oceano, à Amazônia e ao Prata as glórias e riquezas do Brasil Central.

(\*) Capistrano de Abreu.

## REGINA HOTEL

PRÓXIMO AOS BANHOS DE MAR E A 5  
MINUTOS DA AVENIDA RIO BRANCO

RUA FERREIRA VIANA, 29-JUNTO Á PRAIA DO  
FLAMENGO -- TEL. 25-7280. END. TELEG. "REGINA"

RIO DE JANEIRO